



Relatório Geral

INSTITUTO DE PREVIDÊNCIA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO - IPREM-SP

CNPJ: 47.109.087/0001-01

Referência: Junho / 2023

Análise do Cenário Macro Econômico

Cenário Global

Os mercados acionários continuaram a desafiar as probabilidades, avançando ainda mais nas últimas semanas. A volatilidade implícita das ações está no mais baixo patamar desde o início da pandemia, e o S&P 500 registra alta de 20%, após os recuos de outubro/22. Esses ganhos ocorrem num cenário de desaceleração do crescimento econômico, queda lenta da inflação e probabilidade de que bancos centrais sigam restritivos por algum tempo. Reconhecem-se os ganhos nos mercados de ações, principalmente nos EUA, mas há indícios que as ações provavelmente oferecerão limitado potencial de valorização adiante. O mercado se valorizou como decorrência de um pequeno grupo de ações de tecnologia (com o índice geral na retaguarda) como sinais de alerta.

As etapas finais da postura "hawkish": O crescimento global está perdendo força, e a fraqueza continua concentrada no setor industrial. Observam-se "robustos" mercados de trabalho. Bancos centrais ao redor do globo reiteraram sua postura "hawkish" nos últimos tempos, e o mercado antevê que os ciclos de alta dos juros ainda durem um pouco mais. O crescimento global está perdendo força, após uma "forte" alta no início do ano. A fraqueza está concentrada no setor de bens, enquanto a atividade no setor de serviços permanece mais robusta, e os mercados de trabalho nas principais economias continuam superando as expectativas. A lacuna entre os índices PMI de serviços e de atividade industrial é historicamente difusa em diversas economias.

O mercado sugere declínio no crescimento do PIB global no segundo semestre do ano, com média de 2% em 2023. Entretanto, sólidos balanços de consumidores e empresas devem impedir uma desaceleração mais profunda. Mercados de trabalho aquecidos e avanço insatisfatório da desinflação provocaram a continuidade da postura "hawkish" por parte de bancos centrais. Nos EUA, apesar dos motivos para o otimismo com indicadores antecedentes e subcategorias de preços, o núcleo da inflação permanece estagnado perto de uma taxa anualizada de 5%.

O FED deixou claro que deve observar uma desinflação persistente antes de fazer uma pausa. Apesar da manutenção dos juros na reunião de junho, as novas projeções do "gráfico de pontos" sugerem que o FOMC continua defendendo vigorosamente mais ajustes. Bancos centrais europeus também mantiveram sua postura "hawkish". O Banco Central Europeu aumentou os juros em 25 pontos-base na reunião de junho e sugeriu que haveria alta probabilidade de aumento na reunião de julho. Enquanto isso no Reino Unido, dados do mercado de trabalho mais sólidos do que se esperava (incluindo um contínuo incremento no aumento de salário) nos levam a crer que outros aumentos sejam adotados pelo banco central da Inglaterra (BoE). Em outros países, os bancos centrais da Austrália e do Canadá surpreenderam recentemente as expectativas do mercado com subidas de juros, depois de parecer que optariam pela manutenção das taxas.

PBoC: um outlier dovish. A atividade chinesa vem decepcionando desde a suspensão das restrições relacionadas à covid-19. Em contraste com os EUA e a Europa, não houve nenhum sinal de "gastos extravagantes" devido ao excesso de poupança, tampouco mercado de trabalho aquecido ou inflação alta. A demanda doméstica continua fraca, o consumo das famílias está estagnado, e a percepção geral é desanimadora. Não se espera que neste ano o crescimento do PIB exceda a meta conservadora de 5% estabelecida pelas autoridades.

A nosso ver, a política do governo tem capacidade limitada para estimular o crescimento. Recentemente, o banco central da China (PBoC) cortou a taxa de empréstimos de um ano em 10 pontos-base, depois de ter reduzido as taxas de curto prazo. Entretanto, o impacto de cortes de tal magnitude reduzida costuma ser apenas limitado. A política fiscal já está relativamente "expansionista", e é questionável até que ponto mais gastos com infraestrutura ou mais medidas relacionadas ao setor imobiliário estimulariam a economia de forma sustentável. Uma alternativa para as autoridades seria acelerar reformas regulatórias para reduzir a incerteza.

Ato de equilíbrio: O crescimento econômico está lento após a aceleração observada anteriormente. E, embora a inflação cheia em muitos países apresente tendência de queda, o ritmo está lento. O núcleo da inflação, com exceção dos setores voláteis de energia e alimentos, também continua persistentemente acima das metas dos bancos centrais, ou seja, por enquanto os bancos centrais terão de manter condições monetárias "restritivas". No entanto, a maioria dos bancos centrais provavelmente está na última fase do atual ciclo de altas dos juros, e a extensão total dos efeitos defasados

das rápidas subidas dos juros dos últimos 15 meses ainda deve ser observada, porém, o balanço de riscos ainda é incerto.

Os juros de títulos públicos globais subiram em resposta aos dados macroeconômicos mais fortes do que se esperava, principalmente nos EUA. O crescimento tem sido mais resiliente do que o esperado ultimamente, mas é provável que condições financeiras e de crédito mais restritas desacelerem consideravelmente o crescimento no segundo semestre. Além disso, embora a inflação continue acima das metas dos bancos centrais, espera-se que a tendência desinflacionária continue. A performance dos títulos de mercados emergentes em moeda forte melhorou desde o fim de maio/23. A perda de força observada na atividade econômica da China é atualmente contrabalançada por uma política monetária mais "expansionista", que deve favorecer a percepção geral. Além disso, dólar mais fraco nos próximos meses deve ajudar a melhorar a perspectiva de risco/retorno da classe de ativos via redução no custo de necessidades de captação em mercados emergentes.

As commodities enfrentaram dificuldades nos últimos tempos, uma vez que os dados decepcionantes da atividade chinesa e uma perspectiva de crescimento global lento pesaram sobre setores cíclicos. A desaceleração do ritmo da produção industrial global, que resulta em menor demanda, significa que condições de oferta mais restritas levarão mais tempo para reequilibrar os mercados de commodities. As commodities vêm apresentando desempenho irregular devido à desaceleração da atividade industrial, ao passo que a gestão ativa/sistemática da curva melhora os retornos. As perspectivas devem melhorar à medida que avançarmos no ciclo, já que a oferta permanece restrita, e há pouca proteção. O ouro tem preferência. Ultimamente as commodities têm trilhado um caminho tortuoso.

No acumulado do ano, benchmarks estão em território negativo, enquanto segmentos mais defensivos (ou seja, metais preciosos e agricultura) se saíram melhor em termos relativos do que setores cíclicos (ou seja, energia e metais de base). Tal conjuntura parece consistente com um cenário econômico mais conturbado com a desaceleração do aperto monetário. É importante notar que os índices de commodities que administram sistematicamente sua exposição à curva (por exemplo, o CMCI pela disseminação de posições em diferentes vencimentos) tiveram desempenho consideravelmente superior ao de instrumentos passivos (por exemplo, o BCOM, que é aplicado na ponta curta) — e assim devem continuar.

Dificuldades no curto prazo versus perspectivas no médio prazo: Vê-se dificuldades econômicas no curto prazo, uma vez que o ímpeto da produção industrial se enfraquece e o recente aperto monetário pode desacelerar a atividade. Entretanto, também se suspeita que a moderação prevista pode ser breve e superficial — ou seja, a demanda por commodities pode ser mais resistente do que a que costumamos ver em ciclos assim. De fato, os esforços de descarbonização em andamento estão impulsionando os perfis de demanda de médio prazo (particularmente por metais de base), ao passo que a oferta continua restrita em virtude de subinvestimentos e das repercussões da guerra na Ucrânia. Diante disso, vê-se risco limitado de superávits significativos. Em 2024, o vigor econômico deve voltar a melhorar, aumentando a demanda por commodities e as perspectivas de retorno no médio prazo.

Ouro com simetria de risco positiva. No curto prazo, o ouro pode estender sua recente consolidação em meio a elevados custos de oportunidade (juros reais) e, possivelmente, algumas últimas medidas de aperto monetário por bancos centrais. Mesmo assim, com o início dos ciclos de "afrouxamento", acredita-se que o setor deve começar a atrair novos fluxos de investidores, enquanto a simetria de risco continuar parecendo favorável. Os estoques de petróleo estão mais limitados do que o esperado e a OPEO+ parece "rachada", mas deve haver algumas melhorias sequenciais, sugerindo que devemos estar perto de um ponto mínimo.

Dólar norte-americano deve perder mais força: Vê-se com cautela o dólar norte-americano, já que sua vantagem de juros parece destinada a diminuir, já o iene japonês continua como "porto seguro". Apesar da recente resiliência dos dados dos EUA, o mercado enxerga que o dólar norte-americano perderá força no futuro. Dentre os principais bancos centrais, o FED é o que está mais próximo de encerrar seu ciclo de aperto monetário (talvez mais 2 aumentos de 0,25 p.p.). Além disso, a economia norte-americana pode desacelerar mais intensamente daqui em diante. E, com a desinflação em andamento, os mercados provavelmente vão se concentrar no timing de possíveis cortes de juros no 1ºT24.

Tal desdobramento deve, em última instância, enfraquecer a vantagem de juros da moeda norte-americana ante outras moedas importantes e resultar em maior fraqueza do dólar. Como bancos centrais europeus estão atrás do FED em termos de aperto monetário, espera-se que o euro e a libra esterlina se valorizem ante o dólar norte-americano. Similarmente, na Suíça, o banco central (SNB) deve provavelmente manter um viés "hawkish". Isso deve ajudar a dar sustentação ao franco suíço, que oferece características de porto seguro em tempos de incertezas.

A política monetária do banco central do Japão (BoJ) permanece inalterada até agora. Mesmo assim, espera-se que o iene japonês se saia bem num ambiente de normalização da política doméstica e riscos para o crescimento, o que deve ajudar a sustentar as características de porto seguro da moeda. De fato, espera-se que o BoJ eventualmente siga todos os outros bancos centrais do G10 e aperte sua política "ultra" afrouxada, o que ajudaria a reduzir os spreads de juros em relação aos EUA, principalmente em vencimentos mais longos. Além disso, o iene japonês continua sendo a

moeda mais subvalorizada em mercados desenvolvidos, principalmente contra o dólar norte-americano, o que reforça o case de longo prazo para o iene.

Entre as moedas de mercados emergentes, acredita-se que as moedas com "carry" devem ser mais beneficiadas, uma vez que investidores buscam ganhar mais juros num contexto em que a maioria dos principais bancos centrais conclui as subidas de juros e a desaceleração do crescimento global se mostra ordenada, com economias de mercados emergentes mais resilientes de modo geral.

Assim sendo, junho foi marcado por resultados positivos para as principais bolsas globais. Nos EUA, o S&P 500 acumulou ganhos (6,5% em junho). O Eurostoxx reverteu as perdas do mês anterior e apresentou alta de 4,3%. Além disso, o índice MSCI global subiu 5,9%. Apesar desta simetria de resultados positivos, a divergência dos fundamentos econômicos entre as principais regiões globais ainda continua.

Nos EUA, o balanço dos dados econômicos apontou para uma atividade econômica resiliente e um quadro de inflação ainda elevada e, mais importante, acima do objetivo do Banco Central. O PIB do primeiro trimestre, por exemplo, passou por uma nova revisão altista e agora aponta para crescimento anualizado de 2,0% no período, em especial números de vendas no varejo, produção industrial e confiança do consumidor novamente vindo acima das expectativas do mercado. Com isso, o risco de cauda associado de recessão segue postergado e o cenário de "soft landing" da economia ainda segue sustentado pelos fundamentos econômicos recentes.

Como reverberação, esse cenário de atividade econômica vem acompanhado por um ambiente de inflação ainda pressionada. É verdade que números recentes indicaram continuidade do processo desinflacionário, com a inflação acumulada em 12 meses para 4,0% nas leituras recentes, e até com indícios positivos de desaceleração na alta de preços de serviços, que são mais sensíveis ao ciclo da economia americana. Contudo, o nível ainda elevado do núcleo de inflação (5,3%) e a insistente resiliência do mercado de trabalho se mostram os principais obstáculos para uma mudança no viés atual da política monetária praticada pelo FED.

Nesse ambiente, mesmo interrompendo o ciclo de alta na taxa de juros ao mantê-la estável em sua última decisão, a comunicação da autoridade monetária optou por sinalizar possibilidades de futuros aumentos nas reuniões subsequentes. Com isso, a mediana das projeções dos diretores do Banco Central indicou mais dois aumentos de 0,25 p.p. nas próximas reuniões, deixando implícita uma taxa de juro terminal nos Estados Unidos ao redor de 5,5%.

A história é similar no caso da Europa, mas com ressalvas para o atual ritmo do crescimento econômico. No mês de junho, o PMI composto da Zona do Euro recuou de 52,8 para 50,3 pontos e tratou-se do nível mais baixo desde janeiro de 2023. Além disso, sua composição também refletiu uma situação mais adversa para a atividade econômica, com o setor de manufatura atingindo o nível de 43,6 pontos e o setor de serviços apresentando uma queda de quase 3 pontos na passagem de maio para junho. Alguns países da região já apresentam um quadro negativo para a atividade econômica. A Alemanha, por exemplo, foi uma das primeiras economias a apresentar um cenário de recessão técnica ao acumular dois trimestres consecutivos de contração. Fato é que esses sinais ainda não são suficientes para reverter as expectativas de um crescimento positivo para Zona do Euro em 2023 (0,6%) e muito menos, dado o quadro de inflação persistente.

Na China, o otimismo em relação à reabertura econômica perdeu força e os dados referentes ao mês de maio mostraram novamente uma surpresa negativa em relação ao esperado. A produção industrial desacelerou – de um crescimento de 5,6% para 3,5% – enquanto as vendas no varejo, apesar de ainda mostrarem uma variação elevada, recuaram, de um crescimento de 18,4% para 12,7% em maio. Como consequência, a mediana das projeções para o PIB de 2023 sofreu uma nova onda de revisão baixista, saindo de 5,8% para 5,5% em junho. A dúvida, no entanto, em relação ao cenário nos próximos meses, é se as autoridades chinesas trarão novas sinalizações a respeito de estímulos econômicos na parte monetária e fiscal. As sinalizações, por ora, ainda não caminham nesta direção.

Em máxima síntese: junho se mostrou mais um período positivo para o desempenho dos ativos de risco mesmo com assimetrias para as principais economias do mundo. Sinais de resiliência da atividade econômica, processo de desinflação em curso e proximidade com o pico nas taxas de juros ajudaram a explicar esse desempenho. Adicionalmente, o risco de cauda associado a uma crise aguda no sistema bancário também segue contribuindo para arrefecer os mercados internacionais ao longo do último trimestre. Neste cenário, observa-se que alguns Bancos Centrais já interromperam o processo de aperto monetário, mas que ainda não sinalizam nenhuma disposição no seu "afrouxamento". Pelo contrário, alguns exemplos, como Canadá e Austrália, como citamos acima, ainda trouxeram decisões inesperadas de elevações adicionais em suas taxas de juros, dada a resiliência do quadro inflacionário. Paralelamente, o comportamento da economia chinesa também exige cautela dos mercados. Se a desaceleração observada persistir, sob a ausência de uma postura mais expansionista das autoridades chinesas, o cenário para preços de commodities e mercados emergentes também poderá apresentar maiores dificuldades.

Cenário Brasil

O esforço de equilíbrio continua. Os ativos de risco tiveram desempenho construtivo em junho. Além de o cenário global favorável, a continuidade de melhores dados a respeito de inflação e crescimento em um momento de sinalização do BACEN a respeito do início do processo de flexibilização monetária e redução das incertezas fiscais explicaram a nova alta do Ibovespa, a queda adicional das taxas de juros no mercado futuro e a volta da valorização do real. Ainda, diferentemente dos últimos meses, observou-se retorno do investidor estrangeiro para a bolsa. Com entrada de quase R\$10 bilhões, o índice subiu 9,0%, chegando a três meses consecutivos de alta.

No campo fiscal, o Senado concluiu a votação do novo arcabouço fiscal, mas fez alterações em relação ao texto aprovado na Câmara, o que forçará voltar o texto para casa. Assim, o arcabouço fiscal caminha para ter a tramitação concluída sem mudanças no seu bojo (embora sejam expansionistas e ampliem os limites de gastos) em relação à proposta que ajudou a eliminar cenários extremos de ruptura fiscal e relativo descompasso das contas públicas e das políticas monetária e fiscal.

A finalização da votação do arcabouço ocorre em um momento que o Congresso se prepara para votar outra reforma extremamente necessária. Em junho, o relator da reforma tributária. Dentre as diretrizes apresentadas pelo relator estão o IVA dual para bens e serviços, a mudança na cobrança tributária da origem para o destino e a previsão do IBS com, no máximo, três alíquotas. Apesar de o texto enfrentar críticas e ainda poder ser ajustado, há consenso que, depois de anos de discussão, a proposta construída ao longo dos últimos meses pode ter tramitação menos ruidosa e destravar um dos temas mais complexos no Brasil.

Além da pauta econômica no Congresso trazer perspectivas menos nebulosas, os dados sobre inflação e crescimento (PIB) seguem favoráveis. Pelo lado da atividade, os últimos indicadores confirmam a expectativa de moderação do PIB nos próximos meses. Depois de crescer 1,9% no primeiro trimestre, a desaceleração do varejo e, principalmente, o arrefecimento do setor de serviços em abril, indicam que a economia deve crescer aproximadamente 0,3% no último trimestre. Apesar das evidências de arrefecimento do nível de crescimento, ainda não há sinais de desaceleração abrupta da atividade, mas é certo que o setor agro não repetirá o 1ºT23. Pelo contrário, os últimos dados seguem apontando riscos de a economia crescer acima 2,3% no ano. Além de as condições financeiras melhorarem, os dados de confiança aceleraram em junho (IBRE/FGV) e o mercado de trabalho segue robusto.

De fato, a continuidade das boas notícias em relação ao PIB, principalmente sobre o mercado de trabalho, não permite ao Banco Central reduzir a preocupação com a dinâmica dos núcleos da inflação. O IPCA-15 de junho, por exemplo, mostrou variação de 0,04% e arrefeceu para 3,4% em 12 meses. No entanto, as categorias subjacentes ficaram acima do esperado e sem mostrar descompressão relevante.

Adicionalmente, as abordagens tão aguardadas pela decisão do CMN, trouxeram alívio ao mercado doméstico. Depois de meses de incerteza, o CMN optou por manter as metas de inflação para os próximos anos em 3% e anunciou a meta de inflação para 2026 nesse patamar sem alterar a margem de tolerância de 1,5 ponto percentual. A modificação feita pela CMN é de que, a partir de 2025, o sistema de metas de inflação brasileiro mudará de ano-calendário para meta contínua.

Paralelamente, de acordo com o relatório Focus, a mediana das projeções para o IPCA de 2025 e 2026 saíram de 4,0% há um mês para 3,5% e 3,6%, respectivamente. Apesar de esses níveis ainda se encontrarem acima do centro da meta, o início do processo de reancoragem das expectativas acontecendo em um momento de um processo desinflacionário em curso fez com que o BACEN (em sua ATA) sinalizasse que existem condições para iniciar o processo de afrouxamento monetário brevemente (talvez inicie em agosto). No entanto, para a autoridade monetária, o cenário ainda segue demandando cautela e parcimônia, indicando, portanto, que o ritmo de queda da taxa de juros e o patamar final da taxa Selic ao final do ciclo de afrouxamento monetário que se aproxima serão dependentes da evolução da dinâmica inflacionária, em especial dos componentes mais sensíveis à política monetária e das expectativas de inflação.

Carteira - Consolidado

Total Carteira: R\$ 531.537.975,71

CNPJ	Produto	Disponib. Resgate	Carência	Saldo	% Sobre Total Côm. Limites	Quantidade Cotistas	% Sobre PL do Fundo	Resolução - 4.963
	Banco do Brasil S.A. - Agência: 1897 / Conta:20437-4	--	--	2.830,73	--	--	--	--
	Banco do Brasil S.A. - Agência: 1897 / Conta:20438-2	--	--	1.620,90	--	--	--	--
	Banco do Brasil S.A. - Agência: 1897 / Conta:1100-2	--	--	0,00	--	--	--	--
03.543.447/0001-03	BB PREVIDENCIÁRIO RENDA FIXA IMA-B 5 LONGO PRAZO FUNDO DE INVESTIMENTO EM COTAS DE FI	D+1	Não há	17.653.038,29	3,32%	783	0,31%	Artigo 7º, Inciso I, Alínea "b"
11.328.882/0001-35	BB PREVIDENCIÁRIO RENDA FIXA IRF-M1 TÍTULOS PÚBLICOS FIC FI	D+0	Não há	299.121.992,87	56,28%	1136	4,41%	Artigo 7º, Inciso I, Alínea "b"
41.727.134/0001-96	BB RENDA FIXA CURTO PRAZO MILÊNIO FUNDO DE INVESTIMENTO EM COTAS DE FUNDOS DE INVESTIMENTO	D+0	Não há	25.829.127,58	4,86%	12	0,82%	Artigo 7º, Inciso I, Alínea "b"
11.046.645/0001-81	BB RENDA FIXA REFERENCIADO DI TITULOS PUBLICOS FUNDO DE INVESTIMENTO LONGO PRAZO	D+0	Não há	188.929.365,34	35,54%	160	0,72%	Artigo 7º, Inciso I, Alínea "b"
			Total:	531.537.975,71	100,00%			

Retorno - Consolidado

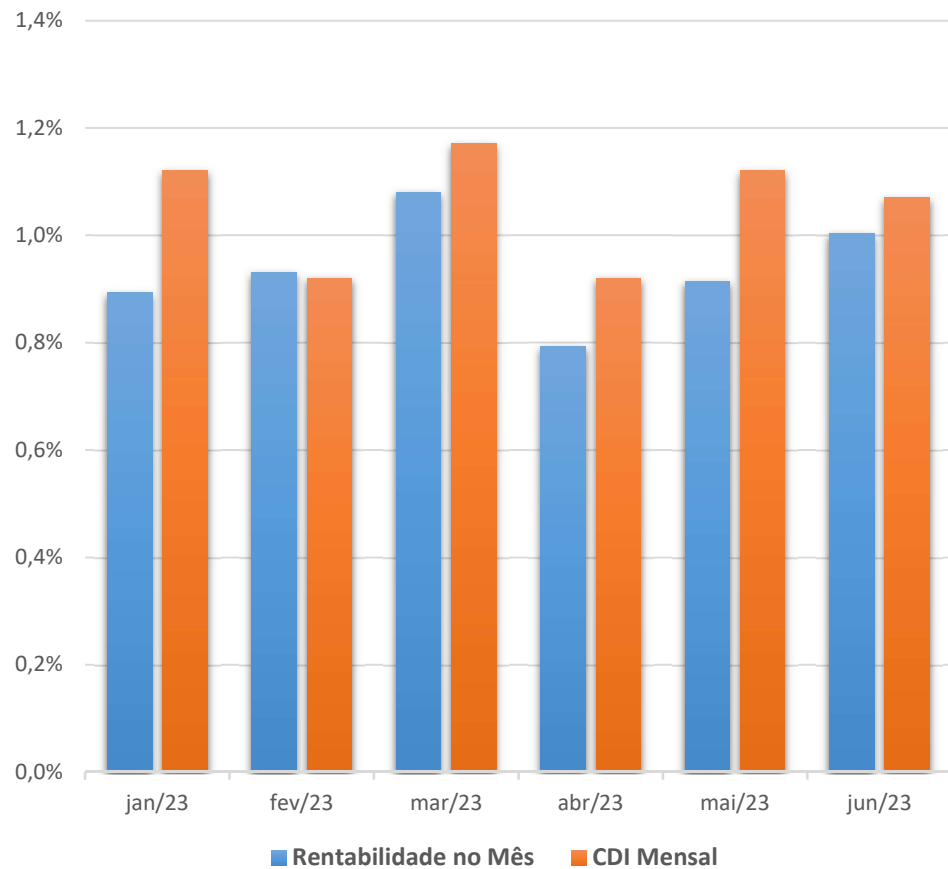
Mês	Saldo Anterior (R\$)	Aplicações (R\$)	Resgates (R\$)	Saldo no Mês (R\$)	Retorno no Mês (R\$)	Retorno Acumulado (R\$)	Retorno no Mês (%)	Retorno Acumulado (%)	Meta para o Mês (%)	Meta Acum (%)	Diferença Acumulada (%)
janeiro	1.044.727.997,26	231.274.730,06	392.197.612,44	895.197.265,45	11.392.150,57	11.392.150,57	0,89%	0,89%	1,12%	1,12%	79,71%
fevereiro	895.197.265,45	40.038.838,62	388.709.499,33	555.224.053,03	8.697.448,29	20.089.598,86	0,93%	1,83%	0,92%	2,05%	89,32%
março	555.224.053,03	394.496.296,72	397.186.592,58	562.791.895,81	10.258.138,64	30.347.737,50	1,08%	2,93%	1,17%	3,25%	90,18%
abril	562.791.895,81	314.273.693,53	396.842.185,93	487.169.893,16	6.946.489,75	37.294.227,25	0,79%	3,75%	0,92%	4,20%	89,20%
maio	487.169.893,16	463.854.745,95	388.880.659,30	570.841.639,97	8.697.660,16	45.991.887,41	0,91%	4,70%	1,12%	5,37%	87,43%
junho	570.841.639,97	345.870.781,98	394.380.225,40	531.533.524,08	9.201.327,53	55.193.214,94	1,00%	5,75%	1,07%	6,50%	88,40%

Renda Fixa

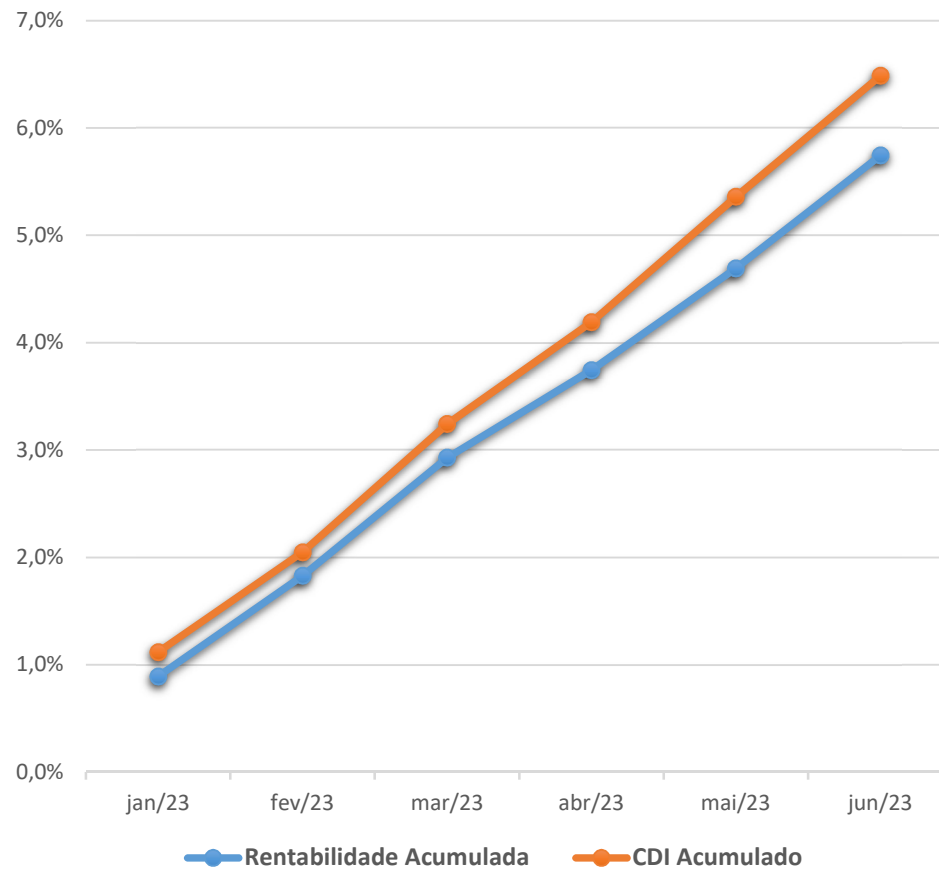
CNPJ	Ativos Renda Fixa	Saldo Anterior (R\$)	Aplicações (R\$)	Resgates (R\$)	Saldo no mês (R\$)	Retorno no mês (R\$)	Retorno no mês para o Instituto (%)	Retorno do fundo no mês (%)	VaR no Mês
03.543.447/0001-03	BB PREVIDENCIÁRIO RENDA FIXA IMA-B 5 LONGO PRAZO FUNDO DE INVESTIMENTO EM COTAS DE FI	17.472.907,66	0,00	0,00	17.653.038,29	180.130,63	1,03%	1,03%	0,19
11.328.882/0001-35	BB PREVIDENCIÁRIO RENDA FIXA IRF-M1 TÍTULOS PÚBLICOS FIC FI	295.696.117,93	0,00	0,00	299.121.992,87	3.425.874,94	1,16%	1,16%	0,02
41.727.134/0001-96	BB RENDA FIXA CURTO PRAZO MILÊNIO FUNDO DE INVESTIMENTO EM COTAS DE FUNDOS DE INVESTIMENTO	26.475.433,73	14.802.206,44	15.762.380,14	25.829.127,58	313.867,55	0,76%	1,05%	0,00
11.046.645/0001-81	BB RENDA FIXA REFERENCIADO DI TÍTULOS PÚBLICOS FUNDO DE INVESTIMENTO LONGO PRAZO	231.197.180,65	331.068.575,54	378.617.845,26	188.929.365,34	5.281.454,41	0,94%	1,08%	0,00
Total Renda Fixa		570.841.639,97	345.870.781,98	394.380.225,40	531.533.524,08	9.201.327,53	1,00%		

Carteira - Consolidado

Rentabilidade x CDI Mensal



Rentabilidade x CDI Acumulado



Carteira - FUNFIN (Financeiro)

Total Carteira: R\$ 400.288.429,35

CNPJ	Produto	Disponib. Resgate	Carência	Saldo	% Sobre Total Côm. Limites	Quantidade Cotistas	% Sobre PL do Fundo	Resolução - 4.963
11.328.882/0001-35	BB PREVIDENCIÁRIO RENDA FIXA IRF-M1 TÍTULOS PÚBLICOS FIC FI	D+0	Não há	299.121.992,87	74,73%	1136	4,41%	Artigo 7º, Inciso I, Alínea "b"
11.046.645/0001-81	BB RENDA FIXA REFERENCIADO DI TITULOS PUBLICOS FUNDO DE INVESTIMENTO LONGO PRAZO	D+0	Não há	101.166.436,48	25,27%	160	0,38%	Artigo 7º, Inciso I, Alínea "b"
Total:				400.288.429,35	100,00%			

Retorno - FUNFIN (Financeiro)

Mês	Saldo Anterior (R\$)	Aplicações (R\$)	Resgates (R\$)	Saldo no Mês (R\$)	Retorno no Mês (R\$)	Retorno Acumulado (R\$)	Retorno no Mês (%)	Retorno Acumulado (%)	Meta para o Mês (%)	Meta Acum (%)	Diferença Acumulada (%)
janeiro	312.349.159,94	27.575.180,00	23.990.740,45	319.248.358,23	3.314.758,74	3.314.758,74	0,98%	0,98%	1,12%	1,12%	87,07%
fevereiro	319.248.358,23	18.559.748,78	23.125.690,74	317.754.684,03	3.072.267,76	6.387.026,50	0,91%	1,89%	0,92%	2,05%	92,37%
março	317.754.684,03	27.813.522,56	24.422.344,95	324.975.224,23	3.829.362,59	10.216.389,09	1,11%	3,02%	1,17%	3,25%	93,00%
abril	324.975.224,23	23.960.190,81	23.246.866,64	328.412.207,53	2.723.659,13	12.940.048,22	0,78%	3,83%	0,92%	4,20%	91,11%
maio	328.412.207,53	76.830.399,44	24.003.370,15	385.046.878,73	3.807.641,91	16.747.690,13	0,94%	4,80%	1,12%	5,37%	89,43%
junho	385.046.878,73	35.689.952,05	24.916.144,59	400.288.429,35	4.467.743,16	21.215.433,29	1,06%	5,92%	1,07%	6,50%	91,00%

Renda Fixa

CNPJ	Ativos Renda Fixa	Saldo Anterior (R\$)	Aplicações (R\$)	Resgates (R\$)	Saldo no mês (R\$)	Retorno no mês (R\$)	Retorno no mês para o Instituto (%)	Retorno do fundo no mês (%)	VaR no Mês
11328882000135	BB PREVIDENCIÁRIO RENDA FIXA IRF-M1 TÍTULOS PÚBLICOS FIC FI	295.696.117,93	0,00	0,00	299.121.992,87	3.425.874,94	1,16%	1,16%	0,02
11046645000181	BB RENDA FIXA REFERENCIADO DI TITULOS PUBLICOS FUNDO DE INVESTIMENTO LONGO PRAZO	89.350.760,80	35.689.952,05	24.916.144,59	101.166.436,48	1.041.868,22	0,83%	1,08%	0,00
	Total Renda Fixa	385.046.878,73	35.689.952,05	24.916.144,59	400.288.429,35	4.467.743,16	1,06%		

Carteira - FUNPREV (Previdenciário)

Total Carteira: R\$ 105.241.586,43

CNPJ	Produto	Disponib. Resgate	Carência	Saldo	% Sobre Total Côm. Limites	Quantidade Cotistas	% Sobre PL do Fundo	Resolução - 4.963
03.543.447/0001-03	BB PREVIDENCIÁRIO RENDA FIXA IMA-B 5 LONGO PRAZO FUNDO DE INVESTIMENTO EM COTAS DE FI	D+1	Não há	17.478.657,57	16,61%	783	0,31%	Artigo 7º, Inciso I, Alínea "b"
11.046.645/0001-81	BB RENDA FIXA REFERENCIADO DI TITULOS PUBLICOS FUNDO DE INVESTIMENTO LONGO PRAZO	D+0	Não há	87.762.928,86	83,39%	160	0,33%	Artigo 7º, Inciso I, Alínea "b"
Total:				105.241.586,43	100,00%			

Retorno - FUNPREV (Previdenciário)

Mês	Saldo Anterior (R\$)	Aplicações (R\$)	Resgates (R\$)	Saldo no Mês (R\$)	Retorno no Mês (R\$)	Retorno Acumulado (R\$)	Retorno no Mês (%)	Retorno Acumulado (%)	Meta para o Mês (%)	Meta Acum (%)	Diferença Acumulada (%)
janeiro	722.018.779,77	188.444.449,77	360.405.273,74	557.973.175,30	7.915.219,50	7.915.219,50	0,87%	0,87%	1,12%	1,12%	77,62%
fevereiro	557.973.175,30	11.906.925,00	355.453.963,24	219.872.111,75	5.445.974,69	13.361.194,19	0,96%	1,83%	0,92%	2,05%	89,43%
março	219.872.111,75	354.534.453,71	364.041.908,27	216.524.730,93	6.160.073,74	19.521.267,93	1,07%	2,93%	1,17%	3,25%	90,01%
abril	216.524.730,93	273.931.859,39	354.741.281,26	139.740.021,27	4.024.712,21	23.545.980,14	0,82%	3,77%	0,92%	4,20%	89,76%
maio	139.740.021,27	373.686.524,50	358.898.632,56	159.146.726,16	4.618.812,95	28.164.793,09	0,90%	4,70%	1,12%	5,37%	87,59%
junho	159.146.726,16	295.378.623,49	353.701.700,67	105.241.586,43	4.417.937,45	32.582.730,54	0,97%	5,72%	1,07%	6,50%	88,02%

Renda Fixa

CNPJ	Ativos Renda Fixa	Saldo Anterior (R\$)	Aplicações (R\$)	Resgates (R\$)	Saldo no mês (R\$)	Retorno no mês (R\$)	Retorno no mês para o Instituto (%)	Retorno do fundo no mês (%)	VaR no Mês
03543447000103	BB PREVIDENCIÁRIO RENDA FIXA IMA-B 5 LONGO PRAZO FUNDO DE INVESTIMENTO EM COTAS DE FI	17.300.306,31	0,00	0,00	17.478.657,57	178.351,26	1,03%	1,03%	0,19
11046645000181	BB RENDA FIXA REFERENCIADO DI TITULOS PUBLICOS FUNDO DE INVESTIMENTO LONGO PRAZO	141.846.419,85	295.378.623,49	353.701.700,67	87.762.928,86	4.239.586,19	0,97%	1,08%	0,00
Total Renda Fixa		159.146.726,16	295.378.623,49	353.701.700,67	105.241.586,43	4.417.937,45	0,97%		

Carteira - IPREM (Fundo Administrativo)

Total Carteira: R\$ 26.003.508,30

CNPJ	Produto	Disponib. Resgate	Carência	Saldo	% Sobre Total Côm. Limites	Quantidade Cotistas	% Sobre PL do Fundo	Resolução - 4.963
03.543.447/0001-03	BB PREVIDENCIÁRIO RENDA FIXA IMA-B 5 LONGO PRAZO FUNDO DE INVESTIMENTO EM COTAS DE FI	D+1	Não há	174.380,72	0,67%	783	0,00%	Artigo 7º, Inciso I, Alínea "b"
41.727.134/0001-96	BB RENDA FIXA CURTO PRAZO MILÊNIO FUNDO DE INVESTIMENTO EM COTAS DE FUNDOS DE INVESTIMENTO	D+0	Não há	25.829.127,58	99,33%	12	0,82%	Artigo 7º, Inciso I, Alínea "b"
			Total:	26.003.508,30	100,00%			

Retorno - IPREM (Fundo Administrativo)

Mês	Saldo Anterior (R\$)	Aplicações (R\$)	Resgates (R\$)	Saldo no Mês (R\$)	Retorno no Mês (R\$)	Retorno Acumulado (R\$)	Retorno no Mês (%)	Retorno Acumulado (%)	Meta para o Mês (%)	Meta Acum (%)	Diferença Acumulada (%)
janeiro	10.360.057,55	15.255.100,29	7.801.598,25	17.975.731,92	162.172,33	162.172,33	0,63%	0,63%	1,12%	1,12%	56,53%
fevereiro	17.975.731,92	9.572.164,84	10.129.845,35	17.597.257,25	179.205,84	341.378,17	0,65%	1,29%	0,92%	2,05%	62,82%
março	17.597.257,25	12.148.320,45	8.722.339,36	21.291.940,65	268.702,31	610.080,48	0,90%	2,20%	1,17%	3,25%	67,78%
abril	21.291.940,65	16.381.643,33	18.854.038,03	19.017.664,36	198.118,41	808.198,89	0,53%	2,74%	0,92%	4,20%	65,24%
maio	19.017.664,36	13.337.822,01	5.978.656,59	26.648.035,08	271.205,30	1.079.404,19	0,84%	3,60%	1,12%	5,37%	67,06%
junho	26.648.035,08	14.802.206,44	15.762.380,14	26.003.508,30	315.646,92	1.395.051,11	0,76%	4,39%	1,07%	6,50%	67,54%

Renda Fixa

CNPJ	Ativos Renda Fixa	Saldo Anterior (R\$)	Aplicações (R\$)	Resgates (R\$)	Saldo no mês (R\$)	Retorno no mês (R\$)	Retorno no mês (%)	Retorno para o Instituto (%)	Retorno do fundo no mês (%)	VaR no Mês
03543447000103	BB PREVIDENCIÁRIO RENDA FIXA IMA-B 5 LONGO PRAZO FUNDO DE INVESTIMENTO EM COTAS DE FI	172.601,35	0,00	0,00	174.380,72	1.779,37	1,03%	1,03%	1,03%	0,19
41727134000196	BB RENDA FIXA CURTO PRAZO MILÊNIO FUNDO DE INVESTIMENTO EM COTAS DE FUNDOS DE INVESTIMENTO	26.475.433,73	14.802.206,44	15.762.380,14	25.829.127,58	313.867,55	0,76%	1,05%	1,05%	0,00
Total Renda Fixa		26.648.035,08	14.802.206,44	15.762.380,14	26.003.508,30	315.646,92	0,76%			

Outros Cometários

Parecer Comitê de Investimentos

O colegiado do IPREM/SP, em sua 7ª reunião ordinária de 2023, seguindo as diretrizes e parâmetros estabelecidos para os Regimes Próprios de Previdência Social - RPPS, através do Ministério da Previdência Social, que exerce as competências de orientar, supervisionar, fiscalizar e acompanhar os RPPS, além de estabelecer parâmetros e diretrizes gerais para seu funcionamento, conforme art. 9º da Lei nº 9.717/1998, que foi expressamente recepcionada como Lei Complementar pela EC nº 103/2019, bem como pela Resolução CMN nº 4.963, de 25 de novembro de 2021, e em observância às melhores práticas advindas do manual Pró Gestão (versão 3.4), amparando-se, ainda, pela política de investimentos vigente, aprova o relatório mensal da carteira de investimentos referente ao mês de junho de 2023.

Disclaimer

As informações foram obtidas a partir de fontes públicas ou privadas consideradas confiáveis, cuja responsabilidade pela correção e veracidade não é assumida pelo Atlas RPPS, pelo titular desta marca ou por qualquer das empresas de seu grupo empresarial. O Atlas RPPS, titular desta marca ou qualquer das empresas de seu grupo empresarial não são responsáveis por tomadas de decisão e consequentes resultados. Ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e regulamento do fundo de investimento ao aplicar seus recursos. As informações disponíveis, não devem ser entendidas como colocação, distribuição ou oferta de fundo de investimento ou qualquer outro valor mobiliário. Para avaliação da performance de um fundo de investimento, é recomendável a análise de, no mínimo, 12 (doze) meses. Fundos de investimento não contam com a garantia do Administrador do fundo, Gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de rentabilidade futura. As estratégias com derivativos, utilizadas como parte da política de investimento de fundos de investimento, podem resultar em significativas perdas para seus cotistas superiores ao capital aplicado e a consequente obrigação do cotista de aportar recursos adicionais para cobrir o prejuízo do fundo. Os valores exibidos estão em Real (BRL). Para os cálculos foram utilizadas observações Diárias e Mensais.